

O LÉXICO DO “SOLDADO DA BORRACHA”: UMA DERIVA DE VALORES

Aparecida Negri ISQUERDO¹

- RESUMO: Com base em narrativas de ex-seringueiros, este trabalho procura analisar a forma como o léxico pode refletir o sistema de vida próprio de um grupo sócio-lingüístico-cultural.
- PALAVRAS-CHAVES: Léxico; soldado da borracha; realidade sócio-cultural.

Partindo do pressuposto de que o léxico espelha o *modus vivendi* e o *modus faciendi* de um grupo, o presente trabalho procura analisar aspectos da linguagem do seringueiro numa tentativa de demonstrar em que proporção o estudo do léxico pode fornecer elementos para a recuperação de uma realidade histórica, social, política e ideológica do grupo.

É postulado aceito que a língua, enquanto instituição social, veicula tendências sociais, culturais, econômicas e políticas. A estreita ligação entre estrutura sociocultural e estrutura lingüística é manifesta. Notadamente no léxico, podemos encontrar elementos para a identificação e a explicação da visão de mundo de uma época, pois é justamente nesse nível lingüístico que estão inseridas as unidades lexicais por meio das quais se pode inferir a maneira de pensar, de agir e de ser de uma comunidade sócio-lingüístico-cultural.

Matoré, lexicólogo francês, apresenta-nos a noção de *palavra-testemunha*, concebendo-a como “elementos particularmente importantes em função dos quais a estrutura lexicológica se hierarquiza e se coordena” (1973, p. 65, tradução da autora). Trata-se, pois, das unidades fundamentais que expressam noção de valor e que possuem peso semântico significativo no âmbito de determinado vocabulário.

1. Departamento de Comunicação e Expressão – Centro Universitário de Dourados – UFMS – 79825-070 – Dourados – MS. Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa – FCL/UNESP/CAR.

Tomando como parâmetro depoimentos fornecidos por ex-seringueiros do Estado do Acre² que se dedicaram ao trabalho de corte da seringa no período denominado "Batalha da borracha",³ verificaremos em que medida determinadas unidades lexicais do vocabulário ativo do grupo espelham o sistema de povoamento, o regime de trabalho e a política de produção e de comercialização da borracha da Amazônia brasileira, no período da Segunda Guerra Mundial.

Uma leitura comparativa das oito entrevistas analisadas revela que as crenças, as esperanças, as decepções, as dificuldades enfrentadas no convívio com a floresta, enfim, a vida desses indivíduos estão sintetizadas em determinados itens lexicais do vocabulário do grupo. Aparecem, por exemplo, com grande frequência, em todos os depoimentos, os lexemas *guerra, governo, soldado, propaganda, Amazônia, vida melhor, seringa/seringueiro/seringalista, patrão, sofrimento, exploração, contrato, abandono*, entre outros. Se confrontarmos, ainda, esses itens lexicais com a trajetória de vida do grupo, perceberemos que eles espelham, no seu conjunto, um período da história do Brasil, durante o qual a preocupação básica dos governantes com a Amazônia era o cumprimento de um "acordo" político e econômico à custa do trabalho, à custa da exploração de indivíduos que, por viverem à margem da sociedade em termos de qualidade de vida, sujeitavam-se passivamente ao sistema de trabalho exigido nos seringais.

Examinaremos, pois, neste trabalho, tão-somente os lexemas que, de alguma forma, contribuam para caracterizar o momento que pretendemos focalizar. Para tanto, estruturaremos a abordagem do assunto em quatro blocos que, a nosso ver, acoplam as idéias-chave evidenciadas na estrutura da narrativa dos informantes: a) origem do "soldado da borracha";⁴ b) motivação para ingressar na "Batalha da borracha"; c) sistema de trabalho nos seringais; d) situação atual dos "soldados da borracha".

a) Origem do "soldado da borracha"

A exemplo do ocorrido no primeiro período da história econômica da borracha amazônica (1850-1915), a maioria dos trabalhadores dos seringais era oriunda do

2. O *corpus* constou de oito depoimentos transcritos na monografia de Fidelis, J. G. de A. et al. (1992), que apresenta um interessante estudo histórico-social da situação dos "soldados da borracha" nesse Estado. Utilizamos *ipsis litteris* a transcrição apresentada pelos autores.

3. Denominação dada a uma campanha desencadeada através dos Acordos de Washington, celebrados entre os governos brasileiro e americano na época da Segunda Guerra Mundial. Esses Acordos determinavam o aumento acelerado da produção da borracha amazônica e o conseqüente fornecimento de toda a produção excedente para a indústria bélica dos Estados Unidos. Em troca, o Brasil receberia dos Estados Unidos a provisão de armamentos de guerra.

4. Denominação dada ao trabalhador dos seringais que migrou para a Amazônia no período da Segunda Guerra Mundial. Traduz a ideologia da época: fazer com que cada novo seringueiro se sinta um autêntico soldado. A exemplo dos que lutavam nos campos de batalha, o seringueiro cumpriria o seu dever de cidadão empenhando-se na "Batalha da borracha".

Nordeste.⁵ Essa migração concentrou uma enorme leva de nordestinos que, tangidos pela seca,⁶ rumaram para a Amazônia em busca de sobrevivência:

A minha vida no Nordeste era trabalhá. Era trabalhado assim...trabalhado...pra qui, pra culá. Num tinha canto certo pra trabalhá (...) ...as condições de vida era dura, muito ruim...Era no tempo da seca, lá era muito ruim e a situação por lá era de muita *miséria...até de água*. Foi tanto que um dia fui buscá essa água era muito longe, e eu cumigo mêmo disse: meu Deus mi bote num *lugá que tenha ao meno água*...e graças a Deus eu mi achei aqui. (I7, p. 59).⁷

No exemplo anterior, merecem destaque os itens lexicais *Nordeste*, *seca* e *água*, por retratarem a origem e a realidade de vida desse novo trabalhador dos seringais.

Na segunda etapa de recrutamento de mão-de-obra⁸ para integrar a “Batalha da borracha”, registrou-se a presença de representantes de outros Estados brasileiros: “Uma boa parte desse pessoal era *carioca* e *baiano*, era um pessoal muito revoltado, eles fazia muita revolta, muita greve...” (I8, p. 66).

O fato de essa leva de migrantes ter trazido para a Amazônia indivíduos oriundos de diferentes classes sociais, profissões e idades – vindos dos grandes centros – gerou problemas vários, principalmente durante a estada desse pessoal nos pousos de Belém e de Manaus. Acredita-se que é pelo seu caráter desordeiro que essa categoria de migrantes tenha recebido a alcunha de *arigó* – apelido que se estendeu a todos os “soldados da borracha” que se abalaram para a Amazônia a partir de 1943: “...daqui o *arigó* não tem pra onde corrê...” (I1, p. 40). “Morreu milhares de *arigó* que veio” (I8, p. 65). A identificação do “soldado da borracha” por esse cognome foi marcante a ponto de esse período de migração para a Amazônia ser, normalmente, chamado de *epopéia do arigó*.

b) Motivação para ingressar na “Batalha da borracha”

Dois motivos básicos são apontados pelos informantes como justificativa da ida para a Amazônia: o apelo do governo no sentido de “convocar” os brasileiros para servirem o País como “soldados da borracha” e o anseio por uma vida mais digna e mais humana.

Expressando a primeira razão encontramos, por exemplo, o lexema *guerra*, que sintetiza um aspecto da realidade mundial da época:

5. Os oito informantes que constituíram o *corpus* para o presente estudo são nordestinos.

6. “... a seca de 1941-1942, que castigou sem piedade o sertão nordestino, veio reunir de 20 a 30 mil flagelados em Fortaleza, ensejando uma mão-de-obra farta para os seringais da Amazônia” (Martinello, 1988, p. 210).

7. Para indicar os informantes, utilizaremos os símbolos I₁, I₂, I₃... seguidos das páginas do texto onde se encontram transcritos os depoimentos (vide nota 2).

8. Essa segunda corrente migratória concentrou pessoas do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco e Minas Gerais – do interior e dos grandes centros urbanos – e “era formada, na sua maior parte, de homens solteiros ou desgarrados de sua parentela, muitos deles desempregados ou sem profissão definida” (Martinello, 1988, p.226).

Lá no Nordeste tomei conhecimento da Amazônia por informação, né? dava boa informação, aí chegamo na cumpanhia tava alistrano esse pessoal no tempo da *guerra* do...dessa *guerra* da Alemanha, aí nós viemo, os americanos forma essa...essa...isso era coisa dos americanos, né? cumbinados cum o finado Getúlio Vargas,⁹ que era o maior governo que nós tivemo no Brasil, aí cumbinado nós viemo no dia 25 de agosto de 1943. (I₈, p. 65)

Essa migração foi Getúlio Vargas que chamô esse pessual pra cá...porque se não viesse pra cá, a rapaziada ia pra *guerra*, eu tive medo de ir pra *guerra* digo vô pro Acre, embora que morra...mais qui na *guerra* é mais fácio de morrê. (I₇, p. 59)

O *mito da guerra* aparece como “pano de fundo” nesse cenário e como elemento impulsor na decisão dos trabalhadores.

...eu quero brigá no isforço da *guerra* no Vale Amazona (I₂, p. 42); ...tava aquela fulia toda, de todo mundo querendo vir prá Amazonas (...) ou eu ia pro Amazonas ou ia pra *guerra*, né? cumo eu num quiria i pra *guerra*, mais ante é pra Amazônia. Vim em dezembro de 44. (I₃, p. 46)

Fortemente associado à questão da guerra, surge o lexema *governo*, que, nesse contexto, traduz a força e a influência do Estado sobre os indivíduos. *Governo* representa, ainda, a materialização da idéia de poder, de autoridade e até de esperança, na medida em que simbolizava para o incauto trabalhador a figura de alguém que “poderia” proporcionar-lhe melhores condições de vida:

No Ciará eu era agricultô, vim pro Amazôna purquê tinha gosto e vontade di servi ao *governo* de qualqué maneira (I₂, p. 42); ...o *governo* federal butô a gente pra cá, pra melhorá de vida ... (I₆, p. 56); ...tomei conhecimento do Acre por intermédio do *governo* federal através de anúncios no jornal, onde o *governo* federal está transportando para a Amazônia... (I₆, p. 56)

Na hierarquia da estruturação do léxico do grupo, *soldado* é uma unidade lexical fundamental. É interessante destacar a carga semântica contida nesse lexema, considerando-se o meio social enfocado:

Quando apareceu a “revolução” de se imbarcá cumo *soldado da borracha* eu vim pra Fortaleza, e lá me inquadrei cumo *soldado da borracha* (I₂, p. 42); Os nordestino via pro Amazona porque eles dizia que no Amazona nós vinha trabalhá para defendê o Brasil. Se não fosse pra guerra, vinha trabalhá cumo *soldado* mermo. (I₇, p. 60)

É curioso observar, ainda, como a questão do civismo e do amor à pátria era propagada, tanto pelo Estado como pela Igreja, com o intuito de despertar no seringueiro a conscientização do seu “relevante” papel cumo *soldado da borracha*.¹⁰

9. Notamos nesse exemplo a referência aos Acordos de Washington, já mencionados na nota 3.

10. Por ocasião do Mês da Borracha (junho de 1943) – campanha desencadeada pelo Governo Federal cum o intuito de arrecadar por todo o País a borracha disponível –, “a Diocese do Amazonas fez celebrar missa campal cum a participação de 1.500 novos soldados da borracha. Após a missa houve um *desfile destes novos seringueiros pelas principais ruas de Manaus, numa espécie de parada militar*” (grifo nosso) (Martinello, 1988, p. 132). Nessa mesma oportunidade foi lido o “Decálogo do Seringueiro” – uma forma de propalar as “obrigações” do soldado da borracha.

O "Decálogo do seringueiro", por exemplo, registrava os principais compromissos do "seringueiro-soldado" para com o seu país. Analisando-se o teor desse documento, constata-se que os lexemas introdutórios de cada item do "Decálogo" expressam uma gradação de obrigações: *cumpriremos* (as instruções ...), nos três primeiros; *prometemos* (convergir esforços..., trilhar as estradas de seringa..., cumprir as ordens do governo...), nos itens quatro, cinco e seis; *juramos* (permanecer nos seringais..., viver em harmonia e disciplina...), nos itens sete e oito; *queremos* (proclamar um juramento perante Deus, a Bandeira e o Hino da Pátria..., tornar bem claro que tudo faremos e aceitaremos em bem do Brasil, do continente americano e das Nações Unidas...), nos dois últimos compromissos. (A. Maia, apud Martinello, 1988, p. 133-4). Na verdade, esses itens lexicais expressam a essência do caráter político e ideológico da cognominada "Batalha da borracha".

Ainda reforçando o caráter de "exército da borracha" atribuído ao recrutamento dos seringueiros, aparece, no relato dos informantes, o uso de lexemas como *batalhão*, *tropa*, *comandante*, *capitão*, *alistamento*, *defender*, que integram o campo semântico referente ao Serviço Militar:

Vim como *cumandante* de *tropa* na segunda vez, mais de cem pessoa veio no meu *bataião*... (I2, p. 42); Aí *capitão* Trigueiro disse: pra vocês que queri trabaá, em uma hora vocês vão pru *almuxanfado* recebê ferramenta (I2, p. 43), No Nordeste eu trabalhava na roça mais meu pai, né? aí foi que eu fiz o *alistamento* pra cá pra Amazônia (...) aí eu vim fui me *alistá* em dezembro de 1944; mais quando eu fui me *alistá* o caba que *alistava* disse: Ah! você num pode í não, só se fô como agregado (aí eu vim mais meu irmão) (I3, p. 46); ...eles dizia que no Amazona nós vinha trabalhá pra *defendê* o Brasil. (I7 p. 59)

No que se refere à segunda razão apontada como justificativa para a migração para a Amazônia – o anseio por uma vida mais digna e mais humana –, também identificamos determinados itens lexicais que sintetizam as expectativas do "soldado da borracha" com relação à nova terra, à terra prometida: *propaganda*, *trabalho*, *borracha*, *dinheiro*, *vida melhor*, *riqueza*, entre outros. Na verdade, propagandas mentirosas e desonestas e promessas atrativas em muito impulsionaram a vontade desses desbravadores:

Tomei conhecimento da Amazônia por intermédio da *propaganda* A gente via aquelas *propagandas* bonitas (..) aonde a gente via coisa que eu nunca tinha visto, cada *tigela* que era desse tamanho (faz gesto), parecia uma *lata de 2 kg*, embutida na madêra (siringuera) era *escorrendo chega derramava*. Eles falavam que um vagabundo (...) home que não quer trabalhar, fazia 200 mil réis por dia (I1, p. 39); . . .aquelas influências que os patrões falavam, que se ganhavam *dinheiro* demais, se juntava dinheiro com o rodo... (I5, p. 52); ...eu via falá que no Amazona era bom, tinha essa *burracha* pra gente vim *trabalhá* e fazê muito *dinhero* e eu resolvi vim pra cá. (I7, p. 59)

Realmente, a ânsia de ser feliz fica espelhada, claramente, nos diversos depoimentos:

...o governo federal butô a gente prá cá, *pra melhorá a vida*, porque lá era difiço, era não, é difiço (I6, p. 56); ...digo eu vô, quando fô cum ano eu volto...eu pensava em vim *trabalhá* um ano e depois voltá, porque dicero que aqui a *siringa* ganhava *dinheiro* de ajuntá com um gancho. Eu digo: depois de um ano eu faço muita coisa e *volto rico*...até hoje (...). A idéia que eu tinha do Amazona era o que eles dizia, que era o *melhó lugar* que tinha no Brasil, porque tinha essa *burracha* pra gente cortá e tinha muito *dinheiro*, e era *muito farto d'água*. (I7, p. 60)

c) Sistema de trabalho nos seringais

Inicialmente é preciso registrar o desafio que representou para o migrante a adaptação às características da região, haja vista o contraste existente entre o *clima seco*, sobretudo o do Nordeste, e o *clima úmido* próprio da *mata*:

A diferença daqui prá mia terra era grande, né? Que lá o *clima* era ôtro e aqui a gente tá dentro da *mata*, lá não existia *mata* demais como aqui, né? (I3, p. 46); Logo que chegamo nós passemos três ano pra nós se acostumá aqui. Passemos um ano pra abri o siringal Nova Empresa: era *mata bruta*... (I4, p. 49); Aqui chegando eu achei diferença, porque não tinha costume aqui da terra. Nós demoremo se *aclimatá*. (I6, p. 56)

A vida no seringal se configurava, também, como desafiadora e *perigosa*:

Quando acabá, nós ganhemo foi a *mata*. Era mais *perigosa* que a guerra (...) a gente tava sujeito a cobra, munta cobra venenosa. Eu mi encontrei com munta cobra, munta onça. Muitos companhêros que veio morrero de duença e muitos ficaro inutilizado. (I7, p. 60)

Esses obstáculos oriundos das características naturais da floresta, entretanto, não eram os piores, se comparados com os motivados pelo sistema de trabalho vigente nos seringais. Observa-se que havia um regime de "semi-escravidão", desde o sistema de recrutamento e transporte dos trabalhadores até as relações de trabalho que se processavam no interior dos seringais. Uma *companhia* era responsável pelo alistamento, transporte e entrega dos soldados da borracha aos respectivos patrões-seringalistas. Estes se incumbiam de "garantir" que os seringueiros produzissem a quantidade de borracha estipulada no "Acordo" celebrado pelo governo:

...cheguemo aqui aí chegava aqueles *seringalistas* tirava de 2, 3, 4 e levava aí que nem leva *bicho*, né? Eles assinava lá um contrato, mais ninguém sabia era lá cum o *chefe*... (I8, p. 66); Logo que eu cheguei o contrato não era assinado pelo patrão, mas foi assinado com a *companhia SALVA* em Belém do Pará (...) o *patrão* vinha recebê a gente em Sena Madureira, quer dizer que a partir de Sena Madureira, nós não tinha nada a ver com a *companhia*, tudo por conta do *patrão*. (I5, p. 52-3)

Essa forma "camuflada" de escravidão fica evidente, também, no tratamento dispensado ao seringueiro, a quem até *castigos físicos* eram aplicados: "Mais eu nunca

fiz revolta não. Nessa época ainda tinha *castigo* ... tinha *patrão* que mandava dá *surra*." (I₇, p. 61).

Ademais, é preciso assinalar a não-existência de qualquer vínculo empregatício formal entre seringalista–seringueiro, o que evidencia um outro aspecto do sistema de exploração reinante na estrutura dos seringais: "Quando chegamo aqui já tinha local destinado, mas num tinha *contrato* não, não tinha negoço de *contrato*, não..." (I₃, p. 46).

A alta freqüência no uso do lexema *exploração* denuncia uma outra faceta da realidade que imperava nos seringais amazônicos:

A *ixploração* patroa...ah! isso é coisa inegável, porque eles definitivamente... (I₁, p. 40); ...no peso da borracha sempre havia *exploração*, e no preço também porque eles nunca pagavam o seringueiro no preço justo (I₅, p. 53); Sempre toda vida fui *explorado*. O seringueiro toda vida foi *explorado* (I₇, p. 61).

O seringalista detinha, também, o monopólio na compra da borracha: "Eu tinha que vendê a borracha só pro *patrão* as vez o cabra era preso, *apanhava* por causa de borracha que vendia pra fora, pro regatão. Se o *patrão* descobrisse o *cabra ia sofrê*" (I₄, p. 61).

A exigência de permanência no seringal reforça, também, o sistema escravagista reinante: "Nós já vinha com atestado diretamente para o seringal e inquanto nós não *trabalhasse dois ano, nós não podia sai do seringal* que estava trabalhando" (I₆, p. 56).

Sofrimento é outro item lexical muito significativo no contexto do grupo e reforça a natureza das vicissitudes enfrentadas pelos "soldados da borracha" naquelas brenhas:

...era mata bruta nós fiquemo na margi e papai entrô pru seringal, foi abri o seringal, aí despôs fez o tapiri dentro da mata, aí foi buscá nós lá fora; entremo e aí fomo trabaia e *sofrê* (um ano foi de *sofrimento*)...chegamo em novembro aqui e num dava mais pra botá roçado, aí *fumo sofrê* muito atrás de banana verde dentro do seringal pra cumê cum carne de caça (I₄, p. 49-50).

d) Situação atual dos "soldados da borracha"

Se a vida desses trabalhadores era marcada por percalços vários durante a "Batalha da borracha", mais sacrificada ainda se tornou após o término da guerra. Lexemas como *abandono*, *ajuda*, *proteção*, usados com freqüência pelos informantes, ilustram bem o desrespeito para com o seringueiro e a vida sub-humana em que a maioria se encontra nos dias atuais:

Depois da guerra nossa vida ficô aí...vivi vinte e sete anos no seringal. Depois que vim pra cidade, não tivemos nenhuma assistência de nada, ficamos *abandonados* à própria sorte (I₅, p. 54); Depois da guerra aqueles que tinha vontade continuava trabalhano – assim cumo eu – a *proteção* era de Deus pra dar a saúde e o sujeito trabalhar pra manter com suas obrigações, né? Mais qui ninguém tinha *proteção* (I₈, p. 67); Agora me acho aqui (...) tô aqui nesse Lar de Vicentinos (...)

num falta nada aqui (...) nós num tem *ajuda* de governo, aqui nós vive cumendo de ismola... (I₈, p. 68); O governo tinha prometido a volta, mas desapareceu tudo nós ficamo *abandonados* à própria sorte...se eu tivesse ganhado bastante dinheiro na época, e pudesse voltá eu voltana. (I₅, p. 53)

Examinando esses exemplos constatamos que enquanto no início dos depoimentos a figura do *governo* era apresentada com conotações positivas, agora ela ressurgiu despojada de qualificativos e como causa dos infortúnios a que se encontram expostos os “soldados-seringueiros”.

Notamos, ainda, na fala dos entrevistados, formas de *protesto* – “O *siringuêro* sofre muito; o *siringuêro*...o governo tinha que olhar por eles e seus *direitos*...” (I₅, p. 53); “infrentemo isso aqui cum a vida, e até agora, não tenho *direito* a nada.” (I₂, p. 42) – e de *denúncias* – “Quando acabou a guerra ficô o *patrão* tocando pra frente. Aí...depois foi a época que o Vanderlei Dantas, pelo menos aqui no Acre, aí foi o tempo que ele *vendeu* os *siringal* pros paulistas. Aí *acabô* o *siringal* daqui. Quando ele *vendeu* o *siringal*, todo mundo teve que se *nitirá do siringal* – aqueles que *não quina* saí eles *matava, né?*” (I₅, p. 53).

A par dessas denúncias e desses protestos, constatam-se, em alguns, marcas de um certo *saudosismo* e índices do prazer que o trabalho lhes proporcionava:

Olha, eu *gostei* muito de *cortá* a *sirringa*, eu achava *bunito*, via o comboi saindo com aquelas *peles de burracha*, eu ficava *alegre*. Aí eu pensava: eu vô puxar vê se eu faço mais, mais o leite quebrava, tinha época que ele quebrava mêrmo e dava mais pouco. (I₇, p. 63)

Todavia, apesar desses relances de entusiasmo, a volta à realidade logo é manifesta:

Cortei sirringa vinte anos, compensei eu saí do *siringal* não fiquei devendo a *patrão* nenhum, tive um saldozinho, mais a *sirringa* que cortei não deu pra *fazê* nada, tô pur aqui até hoje. (I₇, p. 63)

Enfim, os diferentes itens lexicais destacados nos exemplos arrolados no decorrer do trabalho, no seu conjunto, forneceram-nos elementos para recuperarmos um período da história do Brasil. Por meio da linguagem foi-nos possível reconstruir as diferentes etapas que marcaram a *epopéia do arigó* e constatarmos que as terras amazônicas serviram de berço para a concretização da força e do poder do Estado, com a operacionalização da “Batalha da borracha”.

Lexemas como *governo*, *soldado*, *patrão*, *exploração*, *sofrimento*, *abandono*, entre outros, testemunham a realidade vivida por esses trabalhadores brasileiros na *terra do amansa o brabo*. Na realidade, repetiu-se no Amazonas o sistema escravagista ocorrido, sobretudo, no Nordeste. Percebemos um paralelismo, por exemplo, entre o sistema de cativeiro registrado no trabalho nos canaviais nordestinos e o sistema de trabalho peculiar dos seringais – na Amazônia, os *seringueiros-escravos* viviam sob o domínio dos *seringalistas-coronéis*. Reproduziam-se, assim, mais uma vez, as relações históricas de domínio e de exploração do homem.

À guisa de conclusão, podemos asseverar que o estudo dos aspectos do léxico do seringueiro aqui destacados permitiu-nos recuperar aspectos do panorama social, político, econômico e ideológico da segunda fase de exploração da borracha na Amazônia – a luta dos *soldados da borracha* na tão propalada “Batalha da borracha”. Trata-se, portanto, do léxico funcionando como testemunha de uma deriva de valores, de crenças e de expectativas de um grupo sócio-lingüístico-cultural. Retomando Coseriu, podemos ratificar a premissa de que “na língua real coincidem o que é sistemático, o que é cultural, o que é social e o que é histórico” (Coseriu, 1979, p. 55).

ISQUERDO, A. N. The lexis of the “rubber soldier”: a drift of values. *Alfa*, São Paulo, v. 38, p. 181-189, 1994.

- **ABSTRACT:** *Based on ex-rubber gatherer narratives, this paper tries to analyse the form through which the lexis may reflect the way of life of a cultural sociolinguistic group.*
- **KEYWORDS:** *Lexis; rubber soldier; sociocultural reality.*

Referências bibliográficas

- 1 COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança lingüística*. Rio de Janeiro: Presença. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979. p. 55.
- 2 FIDELIS, J. G. de A. et al. A “Batalha da borracha” sob a ótica dos soldados-seringueiros. Rio Branco: UFAC, Departamento de História, 1992. p. 39-68. (Mimeogr.).
- 3 MARTINELLO, P. A “Batalha da borracha” na Segunda Guerra Mundial e suas conseqüências para o Vale Amazônico. *Cadernos UFAC*, Rio Branco, n. 1, 1988. (Série C. Estudos e Pesquisas).
- 4 MATORÉ, G. *La méthode em lexicologie: domaine français*. Paris: Marcel Didier, 1973. p. 65.